



SANTO ANTÓNIO DE LISBOA (E II)

Carlos C. Varela fala da relação popular com o Santo Antom. De todo o santoral relacionado com o amor, o sexo e a produção, este santo era o favorito da Galiza tradicional, presença necessária em diferentes ritos e objeto de numerosas coplas e cantigas que foram recolhidas por toda a geografia do país e registadas em diversa bibliografia. Aqui vemos algumas delas, relacionadas com procurar amores ou solicitar saúde para alguma criança novinha. Fecha-se assim o trabalho começado no passado número.

CRIAÇÃO

Ricardo, comunista português amigo dos povos em luta, remite-nos desde Lisboa um texto de evocação e homenagem ao Carlos Paredes, que teria feito 90 anos no passado 16 de fevereiro de seguir vivo, e à sua guitarra popular, em tempos de iPods e tecnologias da comunicação.

CINEMA

'O cavalo de Turim' de Bela Tarr, é para a crítica do Jornal Mapa "o último filme porque é um filme sobre o fim – que conta, comendo-se e acabando nele, como vê o fim".

A GALIZA NATURAL

Tempo do cuco

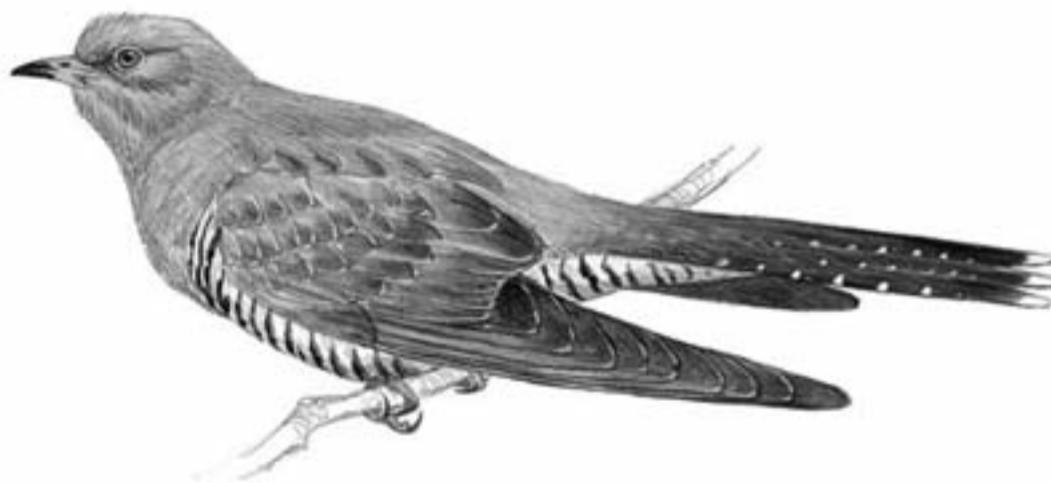
João Aveledo

Entre março e abril,
sai o cuco do covil,
que coa neve não quer vir.
(Provérbio popular)

Conta-nos Teócrito que Zeus, pai dos deuses e dos homens, se teria transformado em cuco nas imediações do Monte Thornax para seduzir a sua irmã Hera. A mitologia grega apresenta-nos assim o cuco como um mensageiro do amor e da fertilidade. Segundo Aristófanes, *cucu!* era na Grécia Antiga, o sinal para se iniciarem as lavouras no campo. Com efeito, o canto inconfundível deste pássaro de nome onomatopaico anuncia o trânsito equinocial que deixa atrás a letargia invernal.

O cuco-canoro ou, simplesmente, o cuco (*Cuculus canorus*) encontra-se bem distribuído pela região paleoártica (o norte do Velho Mundo). Mais ouvido do que visto, há que dizer que as suas vocalizações características são emitidas apenas pelos machos da espécie.

O cuco tem tamanho mediano e aparência de gavião (*Accipiter nisus*). As semelhanças com esta



ave de rapina, unido ao seu desparecimento com a chegada dos frios, deram origem à crença na metamorfose dos cucos em gaviões durante a época hibernal, o "*kokkus metaballei ex ierakos*" de Aristóteles ou os "três meses de gavião, três de tecelão, três de cuco, três de sapateiro, no alto dum sabugueiro" do nosso provérbio popular. Nada mais falso. Realmente, o cuco é um migrador de longa distância que tem os seus quartéis de inverno no ocidente da África tropical. Uma outra cantiguinha algo mais sábia, recolhida

na além Eu, diz "El cuco e a rolha e el parpaiegar; são as três aves que passam el mar".

A evolução imprimiu nos genes desta ave um estratagema reprodutivo que consiste em parasitar os ninhos de outros pássaros, como a carriça (*Troglodites troglodites*), a ferreirinha-comum (*Prunella modularis*), a lavandeira-branca (*Motacilla motacilla*) ou o pisco-de-peito-ruivo (*Erithacus rubecula*). Em tardes do fim da primavera, a fêmea do cuco procura um lar adoptivo para os seus ovos. Quando encontra um apropriado, geral-

mente da mesma espécie (a mesma que a criou a ela), espera até que o ninho deixe de estar vigiado pelos progenitores. Retira então um dos ovos dos hospedeiros, pondo um dos seus no lugar. Depois, o mais habitual é que os filhotes do cuco, assim que nascem, empurrem para fora do ninho os seus companheiros de ninhada, tomando-lhes o lugar. Uma quadra tradicional resume-o em "sou da opinião do cuco, pássaro que nunca aninha, põe o ovo em ninho alheio e outro pássaro o cria".

Existe ainda no nosso país uma

outra espécie da mesma família, o chamado cuco-rabilongo (*Clamator glandarius*), muito mais escasso e de maiores dimensões, tendo também um canto conspícuo, mas que em nada se parece ao do cuco-canoro. Esta espécie parasita ninhos de corvídeos, designadamente, os das pegas-rabudas (*Pica pica*). Encontramo-lo na época estival na metade sul da Galiza, onde se tem rarificado nos últimos lustros.

O cuco, como vimos, tão presente na cultura popular, tem deixado também uma pegada importante na cultura académica, sendo figura inspiradora de poetas como Aleksey Pleshcheyev, García Lorca, Christina Rossetti ou o nosso Manuel Maria, ou de músicos como Haydn, Haendel, Beethoven ou Johann Strauss (filho).

O primeiro canto registado deste mensageiro da primavera era nova que todos os anos o magistral Álvaro Cunqueiro dava no seus artigos. Nisto seguia a tradição britânica do *The Times*. Outrora, o Luar da TVG também noticiava a chegada do cuco às diferentes comarcas da nossa terra. Informativamente, um acerto, pois como o povo diz "se o cuco não vem, entre março e abril, ou o cuco é morto, ou o fim quer vir".



EM TEMPOS

SANTO ANTÓNIO DE LISBOA: PATRÃO DA SEXUALIDADE POPULAR GALEGA (e II)

Carlos C. Varela

O cancionero popular recolhe amplamente as propiedades casamenteiras do Santo Antão ⁽¹⁾: “S. António de Canedo, / casamenteiro das vellas, / porque non casas as novas / que mal che fixeron elas”. Uma interessante cantiga da Terra Chá, por exemplo, revela que fazer-lhe petições amorosas nem só era cousa de mulheres:

“Os mociños deste pueblo foron todos ó sagrado a pedirlle ó Santo Antão que os casara neste ano. Santo Antão respondeulles: “Mociños, tende paciencia, se vos pican as carrachas, sírvavos de penitencia” ⁽²⁾

Outras canções reprocham os defetos do homem proporcionado polo Santo (“Meu señor San Antonio / é un santo milagreiro; / pedínlle un home feo / e deume un fachendeiro”). Entre estas destacam as que recriminam as carências sexuais do homem. A mulher primeiro adverte: “Bendito meu S. Antonio, / non me des home impotente; / eu quero ter moitos fillos, / e del no se ría a xente”; e depois protesta:

“San Antoniño querido meu San Antoniño amado, heiche de pedir contas por dar-me un home capado”

O homem com problemas sexuais podia solicitar ajuda do santo: “San Antoniño, San Antoniño, / dáme forza no carallo / como o porco no fuciño” ⁽³⁾. Um dos remédios consistia em pasar nove vezes polos genitais uma imagen do santo. É tal a virtude erótica do S. Antão que no folclore mesmoo se identifica com o pênis, do que serve de metáfora. Por exemplo, em Velhe, um moço propõe-lhe à namorada:

“Se me das o chirlo-mirlo que tés por baixo da saia heiche dar o San Antonio da cabeciña pelada” ⁽⁴⁾
E um de Xavestre:
“Si me das a Santa Rita



que tés debaixo da falda heiche dar o meu S. Antón todo cerrado das barbas” ⁽⁵⁾

Às vezes, “Quando algum homem anunciava o seu casamento os demais moços entregavam-lhe uma espiga de milho, que configurava o falo, e ele arrancava nove grãos e oferendava-os a S. António”. Quiçá em alguma paróquia galega se fizesse com o S. Antão o que até os anos 50 faziam em Ermelo (Bueu) na romaria do Santiaguinho do Monte, que se celebra em 25 de julho. “Depois de ouvirem missa iam à sacristia as oferentes uma a uma e saiam

depois de estarem ali fechadas desde dentro e fazer “doação de peto”. Segundo a referência das oferentes havia um “santo” de madeira, pequeno, que passavam polos genitais. Para o informante há uma clara tradução por um falo” ⁽⁶⁾. Na ermida do S. Antão de Penalva há uma concorrida romaria, e o santuário é um bom exemplo do poder de apropriação mágica do santo: edificou-se perto da “laje da serpe”, relacionada com a fecundidade ⁽⁷⁾.

Quando à gestação, gravidez e parto, o Santo António já tem muita menos importância que o S. Ramão Nonnato ou a Virgem

do Livramento e outras, mas também está presente. O inquérito etnográfico do ‘Ateneo de Madrid’, dos anos 1901-1902, recolhe o oferecimento de velas ao santo durante a gestação e o parto, assim como, em Ourense, o uso do cordão de Santo António durante o parto como ajuda mágica, cingindo-o ao ventre da parturiente ⁽⁸⁾. Ao emprender a moça “a sua mãe ou mulheres da família cruzavam-lhe nove vezes o ventre com uma imagen do Santo António e tiravam-lhe flores brancas ou lírios de Santo António”; aliás, colocavam no corpo da mulher imagens e es-

capulários do santo a modo de defesas simbólicas ⁽⁹⁾. A mulher pedia pola boca saúde da criança, mesmo solicitando a eugénia divina caso contrário:

“Este neniño que vai nascer logo a ti cho ofrezco meu San Antonio para que veña sano e non veña tolo se o trae o demo lévamo logo”

Se vem bem o pai oferece-lho ao santo no bautismo, “e à saída da igreja repartía o pão de Santo António aos assistentes e estes abençoavam o recém estreado cristão com o responsório popular de S. António” ⁽¹⁰⁾.

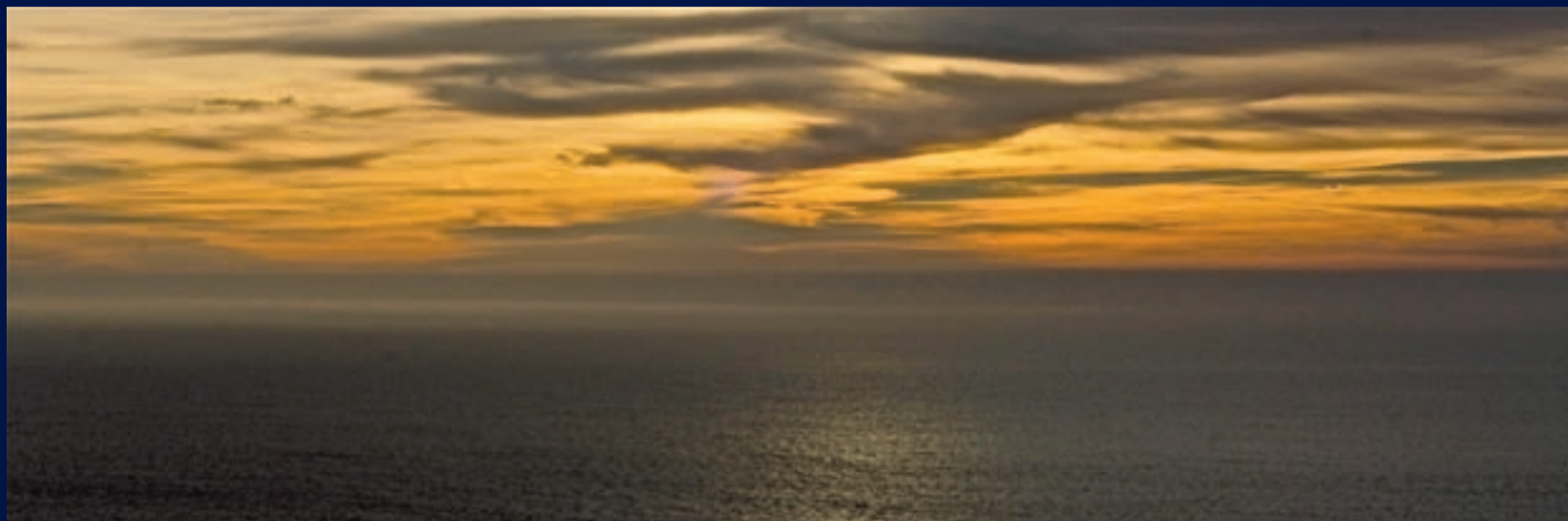
NOTAS

1. Por exemplo em Cabanillas, R. *Cancioneiro popular galego*, Vigo, Galaxia, 1983.
2. Rielo Carballo, N. *Cancioneiro da Terra Chá*, Sada, O Castro, 1980, nº 777. Uma versão feminina em Rico Vereá, M. *Cancioneiro popular das terras do Taramela*, Vigo, Galaxia, 1989, nº 55 e 90: “As rapaciñas de aquí, de rodillas no sobrado, / pídenlle ó Santo Antonio / que as case de contado”, “Santo Antonio respondeulles: / “Rapazas, tende paciencia; / se vos pican as formigas / dareivos máis penitencia”.
3. García, X. L., “Antropoloxía e devoción popular Santoantoniana en Galicia”, in: *Polas diversas xeografías da Lusofonía*, Guitiriz, A. C. Xermolos, 2013, pág. 69. A cantiga é representativa do como se concebía o coito.
4. López Cuevillas, F. et al., *Parroquia de Velle*, Compostela, Seminario de Estudos Galegos, 1936, nº 295.
5. Sixirei Paredes, C. *San Cristobo de Xavestre*, Sada, O Castro, 1982, pág. 331.
6. Pereira Poza, A. *Ritos de embarazo e parto en Galicia*, Sada, O Castro, 2001, pág. 44.
7. Aparicio Casado, B. *A sociedade campestre na mitoloxía popular galega*, Compostela, USC, 2002, pág. 60.
8. González Reboredo, X. M. (ed.) *Nacemento, casamento e morte en Galicia. Respostas á enquisa do Ateneo de Madrid (1901-1902)*, Compostela, Consello da Cultura Galega, 1990, págs. 28 e 39-41.
9. García, X. L., op. cit., págs. 66-67.
10. *Ibidem*, p. 67.



A FOTO

Gema Zunzunegui



Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços...
Fernando Pessoa

CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número fornecemos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projeto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Ricardo Apelido: nascido no extremo-sul português, crescido no subúrbio lisboeta, militante do Partido de Álvaro Cunhal, desempregado intermitente, e acérrimo defensor da União das Repúblicas Socialistas Ibéricas.



São 16:57, entro na carruagem 21, a do Bar. Mais uma vez o comboio sai da estação de Faro com o atraso de 10 minutos. Não é grave, chegará a Lisboa cerca das 21h.

Escarrapacho-me naqueles sofás modernos do Bar, e acompanhado por uma lata de Sagres, vou lendo o Avante, perante algum olhar curioso de um ou outro passageiro.

A meio da viagem ainda dá tempo para uma troca de impressões com o moço do balcão, a Greve Geral é aqui mencionada. E a sua ideia reavivada...

Duas horas mais tarde, já semi-trôpego pelas cervejas ingeridas e pelo esforço da atenção que uma leitura cuidada requer, levanto-me cambaleante pelos solavancos do ferrocarril em direcção ao meu lugar marcado, umas carruagens à frente. Chego ao banco e, quase em posição fetal, pouso a cabeça, entregando-me quase de seguida aos braços de Morpheus...

Uma hora mais tarde sinto-me a despertar, lentamente. Subo a cabeça e olho pela janela. Reparo que uns universitários tagarelam balelas no banco de trás, I-Pods, piadolas e private-jokes da sua turma, porventura.

Estávamos a passar o Pragal e a dar entrada, de forma galopante, quase como um êmbolo, dentro da estrutura óssea da Ponte 25 Abril.

É aqui que sempre me ressoam os acordes do Paredes (como se tivesse uns headphones imaginários!), aquele dedilhar rendilhado que me reverbera nos tím-



panos... Me faz sobrevoar o Tejo, ouvir as buzinas dos barcos, e entrar na zona ribeirinha e percorrer as vielas da cidade de Lisboa, os seus Bairros, as pedras da calçada que nos acompanham sempre, nas muitas noites e dias de deambulação com amigos.

Quase que me vejo, muitas vezes, a entrar numa

paragem de permeio (aquela que faz com que Lisboa tenha 8 rios!). Ergo-me e estalo os ossos, ajusto o casaco e pego na mochila: Já caiu a noite e estou pronto para, mais uma vez e de corpo e alma, absorver esta urbe que tanto Nos inspira.

Para a próxima trago os headphones.

tasca com a sua típica cenografia, embaixada de cestos de fruta, bancos de madeira, ambiência escura mas acolhedora, onde os catraios pedem um Sumol e os velhos um tintol, e pedir algo que me molhe os lábios e m'aqueça a alma.

Nunca saberei explicar porquê, mas a guitarra do Paredes sempre me serviu de âncora musical para as minhas saudades de Olísipo. Viajo muito, envolto nos acordes deste Mestre..

Da Ponte a Entrecampos são uns 10 minutos, com uma



LÍNGUA NACIONAL

Cumprir a Lei Paz-Andrade

Isabel Rei Samartim

Em 11 de março de 2014 aprovou-se no parlamento galego e por unanimidade a Lei Paz-Andrade para o aproveitamento da língua portuguesa e vínculos com a lusofonia. Desde aquela até agora não temos visto grandes avanços no estudo e difusão da língua portuguesa na Galiza. E não se prevê que em breve venha a cumprir-se a lei mais que de maneira simbólica e sem grande proveito para o conjunto das pessoas.

Sabemos que as instituições da Espanha não estão afeitas a este tipo de relações. De facto, não se levam demasiado bem com os outros países que falam castelhano-espanhol e partilham vínculos históricos diretos, como são a Venezuela, a Argentina, o Equador, a Bolívia, e tantos outros. Porém, na sua política linguística fica muito claro que falam todos a mesma língua e a sua escrita está normalizada, mesmo incluindo variantes



léxicas locais, culturas e pronúncias diversas. Há poucas dúvidas quanto a que um paraguaio possa entender-se com um cântabro, apesar das diferenças geográficas.

Se bem admitimos a unidade do castelhano-espanhol, a Lei Paz-Andrade abre o caminho para admitirmos a unidade do galego-português. Uma língua que é objetivo estratégico para a Galiza, que é intercompreensível com o galego e que nasce na própria Galiaecia, premissas todas que assume a lei, não pode ser estrangeira. Contudo, os parlamentares ad-

creveram a responsabilidade do seu desenvolvimento ao quadro das línguas estrangeiras, como se @s galeg@s não soubéssemos que identificando o português com o galego aprendemos melhor e atingimos rapidamente os mais altos níveis de domínio da língua.

Nessa linha da língua estrangeira, o atual -mas não permanente-governo galego realizou algumas atividades que, sem ultrapassar o plano simbólico, tampouco chegaram aos mínimos exigidos pela urgência da situação do país. O atual governo designou um represen-

tante do galego-RAG para tratar dos assuntos da língua portuguesa, facto que contradiz a sua ideia de língua estrangeira. Se galego não é português, por que vai ir um Secretário do galego tratar do português com os Ministros na CPLP?

Dentro das atividades simbólicas o atual governo participou em dois eventos internacionais durante o 2014: O do IILP em junho, em Lisboa, e o da CPLP em outubro, em Braga. As televisões TVG e RTP realizaram um programa conjunto que foi emitido no mês de setembro e voltaram a colaborar em dezembro, na noite de fim de ano, celebrando as entradas do ano novo pela hora portuguesa.

Naturalmente, com isso não se promove o ensino da língua portuguesa na Galiza. E talvez por encher esse buraco preto foi que em fevereiro de 2015 o presidente autonómico Feijó e o presidente da república portuguesa Cavaco assinaram um memorando que, asseguram, potenciará a língua portu-

guesa na Galiza. Porém, na tónica dos velhos partidos de corte setentário, nem no ato de assinatura nem na altura de redigir este artigo se deu a conhecer o texto desse memorando. Mais uma falta de transparência, pois assim lhe chamam agora aos negócios que os que se automeiam representantes fazem desde o poder sem a participação da gente.

O estancamento na promoção da língua portuguesa não ajuda à urgente normalização do galego. A falta de unidade do galego-português é indicativa de que o interesse está na normalização do castelhano-espanhol. A potência cultural e económica da Galiza está em mãos de obscuros negociantes. Parece claro que precisamos duma mudança política, que outros atores intervenham e recuperem as instituições para a gente, para @s galeg@s construirmos uma política linguística a sério que nos aproxime do nosso contexto internacional e dos países irmãos em cultura e língua.

CINEMA

As Batatas e a Cebola

Jornal Mapa

O *Cavalo de Turim* não é só o último filme do realizador húngaro Bela Tarr (que disse que não faria mais nenhum depois daquele). O *Cavalo de Turim* é o último filme de todos os filmes. Isto admitindo que a história pode ter outra lógica que não apenas a cronológica. É o último filme porque é um filme sobre o fim – que conta, comendo-se e acabando nele, como vê o fim. O fim do cinema enquanto dispositivo de afastamento e sacralização daquilo que nos é próprio e íntimo; enquanto modo de pensamento do que é humano, com uma linguagem específica e uma gramática própria. O fim dessa possibilidade absurda de sequestrar pessoas numa sala escura para lhes falar sobre si mesmas, contando-lhe histórias feitas de luz e de sombras. O fim de uma técnica secreta de captura e fixação numa superfície de prata da luz que é emitida por todas as coisas. Afinal, a superação da

técnica – de todas as técnicas e de todos os segredos – pela tecnologia. E, se calhar também por isso, o fim de um mundo onde viveu uma classe de pessoas que se apercebe que o seu tempo acabou ali, ao ver aquele filme. Claro que um mundo nunca acaba, porque se encadeia noutros mundos, noutras formas de viver e de pensar, sem que a fronteira temporal do que acabou e do que começa seja nítida. Mas se se pode parar e assinalar uma marca, escrever uma vírgula, então este filme é isso.

Só uma confiança anormal que nos tem para dizer o tal Bela Tarr, uma impossibilidade física ou um pudor desmesurado nos permitem sobreviver aos primeiros vinte minutos sem abandonar a sala ou adormecer. Um preto e branco duríssimo, como é próprio de todos os seus filmes, mostramos um cavalo que puxa uma carroça e o seu dono, de regresso a casa, atravessando uma ventania furiosa que manda tudo pelos ares. O vento não abrande e o dono e o seu cavalo, vêem-se impe-

didos de sair de casa para voltar à feira. É isto o que se passa. Nessa casa vive também uma mulher mais nova, a qual não nos é dado perceber se é a filha ou a mulher do dono do cavalo. Vemos apenas que ela o ajuda a vestir e a despir e se ocupa de todas as restantes tarefas da casa. Uma coreografia constante de lentos movimentos de câmara no interior e ao redor da casa, fazem com que o tempo passe e a rotina austera do homem, da mulher e do cavalo seja progressivamente abalada por uma série de disfunções e de estranhezas. É assim que o filme nos instala numa descrição minimalista de um quotidiano simples, feito de objectos essenciais e de gestos repetidos. A escassez de informação e de novidade na evolução da narrativa torna-se de tal forma exasperante que somos levados a atentar nos detalhes: na superfície de madeira da mesa, no reboco inacabado da parede atrás da cama, na fechadura de pau do curral, na forma como a luz da tempestade entra na casa ampla por uma janela em cima do fogão

a lenha, nos raros utensílios de cozinha, na água onde fervem as batatas. E são as batatas, comidas com a casca e solteiras, temperadas apenas com sal, que nos fazem acordar. A forma como o homem e a mulher comem com as mãos as batatas quentes, em tudo diferentes na sua frugalidade e na sua dureza, a fome como mínimo denominador comum a todos os seres vivos, a ausência animal de adornos, a mim agarrou-me.

A partir desse momento de conquista, vão-se procurando sucessivas camadas de ínfima leitura, que sabemos que como numa cebola, hão de guardar um núcleo qualquer. Percebemos depressa que chegámos lá quando alguém, surpreendentemente, bate à porta. Um homem que vindo do nada, atravessou a tempestade para vir comprar aguardente, senta-se à mesa e conta o que viu lá fora.

[...] está tudo em ruínas. Está tudo escavacado.

[...] eles conseguiram arruinar e destruir tudo. (...) isto não é uma espécie de cataclismo a reboque da alegadamente inocente ajuda humana. Pelo contrário... Trata-se do julgamento do homem, do ajuizar das suas próprias acções, nas quais Deus, obviamente, par-

ticipa, ou, se me atrevo a dizê-lo, nas quais toma parte activa. E aquilo em que Ele toma parte... é a criação mais pavorosa que alguém pode imaginar. Porque o mundo foi degradado, entendes? (...) tudo aquilo que eles adquiriram foi degradado. E uma vez que eles adquiriram tudo de forma manhosa e desleal, degradaram tudo. Porque tudo aquilo em que eles tocam, e eles tocam em tudo, foi por eles diminuído. E assim foi até à vitória final. Até ao triunfante fim... Adquirir, degradar. Degradar, adquirir... Ou se quiseres posso pôr as coisas doutra maneira, tocar, degradar, e desse modo adquirir, ou tocar, adquirir e desse modo degradar. E assim tem sido há séculos. Repetidamente. Unicamente isto. Ora dissimuladamente, ora à bruta, ora pacificamente, ora de forma violenta, mas assim tem sido repetidamente.

(...) Porque para que esta vitória fosse perfeita... era também essencial que o outro lado... Ou seja, tudo aquilo que é excelente, e de algum modo magnífico e nobre, não se envolvesse em qualquer forma de luta. Não devia haver nenhum tipo de resistência, somente o mero desaparecimento de um lado”.